

NOVOS E VELHOS DISCURSOS SOBRE O TERRITÓRIO E O PODER: RESENHA DA OBRA GEOGRAFIA POLÍTICA E GEOPOLÍTICA, DE WANDERLEY MESSIAS DA COSTA

Paulo Roberto Baqueiro Brandão¹

Em tempos de incertezas provocadas pelo nervosismo bélico que põe em disputa os interesses da política externa norte-americana e do multifacetado fundamentalismo sociocultural, político e econômico, o Dr. Wanderley Messias da Costa, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, professor do Departamento de Geografia, oferece uma obra de referência para a compreensão do processo evolutivo da Geografia Política e Geopolítica desde o seu período clássico, fundamentado no conjunto da obra de Friedrich Ratzel, até tempos recentes.

Apesar de ter sido publicado originalmente em 1992 e da dinâmica vertiginosa com que os fenômenos políticos e sociais se dão no espaço, a reedição da obra *Geografia Política e Geopolítica: discursos sobre o território e o poder* (COSTA, 2008) pela Editora da Universidade de São Paulo é mais que oportuna e ainda se impõe pela sua atualidade e pelo subsídio que oferece à compreensão das transformações territoriais a que vem sendo submetida a configuração política planetária desde o século XIX.

Na obra, concebida a partir de uma tese de doutorado, o autor analisa principalmente os grandes avanços da Geografia Política e da Geopolítica nos vários períodos históricos em que houve maior relevância na produção acadêmica dessa área do conhecimento geográfico, enfatizando a contribuição dos grandes autores, suas principais obras e o discurso que cada um traz consigo. Para atingir tais objetivos, o livro está subdividido em oito partes e quinze capítulos.

Na introdução, Costa examina de maneira clara os vários problemas que envolvem a análise e interpretação dos estudos de Geografia Política, enfatizando a necessidade de se estar atento às contradições, aos erros, estratégias e fundo ideológico contidos em obras desse campo de estudo.

¹ Graduado e Mestre em Geografia, doutorando do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco. Professor Assistente do Curso de Geografia da Universidade Federal da Bahia, Campus de Barreiras. Bolsista de doutorado da FAPESB (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia). Rua Professor José Seabra s/n, Centro. Campus Professor Edgard Santos. CEP 47.805-100, Barreiras (Bahia). E-mail: paulobaq@ufba.br.

Apesar de acreditar ser algo “estéril ou até mesmo inútil”, o autor faz, ainda nessa parte introdutória, uma distinção entre Geografia Política e Geopolítica, estabelecendo, porém, que tais distinções são tênues e de difícil limitação.

Parece evidente a intenção do autor em munir os seus leitores, logo de início, de toda defesa possível contra as interferências que determinado estudo de Geografia Política possa conter. É uma introdução extremamente densa.

Na parte II, intitulada “A Geografia Política Clássica”, Costa analisa, em capítulos distintos, o surgimento e sistematização desse ramo da Geografia a partir das idéias de Friedrich Ratzel e Camille Vallaux.

Ao debruçar-se sobre a produção de Ratzel, o autor faz referência não só à sua obra, analisando também e de forma muito criteriosa o contexto social, político e intelectual em que o autor alemão se encontrava, já que, para Costa, o conjunto da obra ratzeliana só pode ser compreendido em sua totalidade se precedido de um entendimento do momento histórico no qual viveu o “pai” da antropogeografia.

No capítulo seguinte da parte II, é analisada toda a contribuição do geógrafo francês Camille Vallaux, considerado o primeiro grande crítico de Ratzel, principalmente no seu livro Geografia Social. O Solo e o Estado, de 1911, onde se estabelece uma espécie de diálogo entre o autor francês e F. Ratzel. Segundo Costa, o conceito de espaço e a idéia do solo como influência no grau de desenvolvimento de sociedades e dos Estados, defendida por Ratzel, são os pontos de maior “fricção” entre os dois autores.

Fica claro, a partir das colocações de Costa sobre as contribuições dos dois geógrafos, que há, muito além de um embate de idéias, um confronto entre as escolas alemã e francesa, interessadas então na hegemonia da produção acadêmica e na veiculação dos seus próprios conteúdos ideológicos.

Em “O Discurso Geopolítico”, a parte III, Wanderley Messias da Costa apresenta e examina o chamado discurso geopolítico aplicado às relações internacionais, ou seja, a utilização de tal discurso no intuito de legitimar ações de dominação dos Estados imperialistas. Trata-se, portanto, do surgimento dos interesses estratégicos em âmbito global. Ainda nesta parte, é feita uma minuciosa análise sobre a geopolítica, abordando a obra do sueco R. Kjellen, discípulo de Ratzel e fundador da “geografia política da guerra”.

Nos capítulos seguintes, Costa analisa e interpreta autores com novas visões que não a “ótica alemã” ratzeliana, entre os quais A. T. Mahan e a sua observação do

surgimento dos Estados Unidos da América como potência marítima mundial, o que o credenciou como um grande teórico do expansionismo. Um outro geógrafo que convergiu os seus estudos para uma abordagem exclusivamente geopolítica foi H. Mackinder, formulador do conceito de coração continental, a *core area*, de onde os povos aí estabelecidos estenderam, segundo ele, a sua influência. Apresentando conceitos hoje amplamente utilizados no campo da Geografia Política e Geopolítica, Mackinder afirma: “Quem domina a Europa Oriental (a *core area* por ele estabelecida) domina a *Heartland*: Quem domina a *Heartland* comanda a *World-Island*: Quem domina a *World-Island* comanda o mundo”.

A parte IV, “A Geografia Política no Período do Inter-Guerras”, trata do lapso temporal entre as duas grandes guerras mundiais (1919-1939), o mais polêmico da evolução da Geografia Política e da Geopolítica e um dos mais ricos em produção acadêmica, devido aos vários estudos de avaliação das conseqüências da Primeira Guerra Mundial, a “típica guerra imperialista” da qual Lênin faz referência. Entre os autores de destaque desse período, Costa examina as obras do norte-americano Isaiah Bowman, que faz um balanço do quadro europeu e mundial após a Primeira Grande Guerra e do alemão Karl Haushofer, que produziu estudos para o Terceiro Reich, sendo considerado posteriormente um dos mais engajados geógrafos em todos os tempos. Finalizando esta parte do livro, o autor examina o debate teórico que se estabelece no período entre-guerras, projetando de forma consistente a Geografia Política nos Estados Unidos da América e na França, entre outros países.

Na quinta parte do livro, intitulada “Desdobramentos da Geopolítica no Continente Americano”, é feita uma abordagem acerca da projeção internacional da Geografia Política e da Geopolítica a qual Costa se refere no último capítulo da parte anterior, dedicando-se aí a uma análise das conseqüências das estratégias geopolíticas globais na América, notadamente nos Estados Unidos no período referente à Segunda Guerra Mundial, e no Brasil, no período dos regimes militares, apresentado exemplos de estudos elaborados em ambos os casos.

Em “A Afirmação da Geografia Política como disciplina Científica”, W. M. da Costa apresenta um criterioso exame de uma nova era desse campo do conhecimento geográfico, quando, após a segunda Guerra Mundial, nos Estados Unidos – que surgem, no mundo bipolarizado, como o país “guardião do Ocidente livre” –, com grande influência de Hartshorne e posteriormente na Europa, há um novo impulso na produção acadêmica em Geografia Política, com a publicação de um grande número de estudos referentes à disciplina. É feita ainda uma abordagem, embora superficial, acerca da criação dos

organismos internacionais de aliança militar, como a OTAN e o Pacto de Varsóvia. Há citações de alguns autores recentes como Pierre George, Claude Raffestin e Yves Lacoste, este último duplamente criticado por Costa.

Na sétima parte, “Temas e Problemas da Geografia Política Contemporânea”, o autor nos leva a refletir sobre as novas demandas da Geografia Política: a sua desestatização, a compreensão que se exige em respeito às novas formas de se pensar o Estado moderno, as complexas relações de poder, a mudança do(s) significado(s) das fronteiras, além de firmar uma importante discussão sobre as nações e nacionalidades, principalmente pela relevância que esse tema adquiriu nos últimos anos.

O item “Tendências e Perspectivas Atuais” finaliza a obra, procurando apontar os novos rumos da Geografia Política, principalmente através da multidisciplinaridade cada vez maior das Ciências Sociais e das recentes discussões teóricas nesse campo de estudo, diante dos novos fenômenos que interferem na organização política do espaço, como a economia e a tecnologia, por exemplo.

Esta obra figura entre as mais completas sobre a análise da evolução da Geografia Política e da Geopolítica já produzidas no Brasil. É, sem dúvida, um valioso referencial para os estudiosos de Geografia, Ciência Política, Economia e Relações Internacionais, além de servir à satisfação dos curiosos pelo tema, principalmente pela sua abrangência no que diz respeito à revisão das obras dos principais autores desse campo do conhecimento geográfico em distintos períodos históricos, e pela considerável capacidade crítica e investigativa do autor, constituindo-se num documento referencial da temática tão cara a democratas e ditadores.

REFERÊNCIA

COSTA, Wanderley Messias da. **Geografia Política e Geopolítica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, 352 p.